

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT - 9 – Museu, Patrimônio e Informação

COLEÇÃO MUSEOLÓGICA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ: DO CULTO À SAUDADE À MEMORIA INSTITUCIONAL

Inês Santos Nogueira (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Luisa Maria Rocha (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

OSWALDO CRUZ FOUNDATION MUSEOLOGICAL COLLECTION: FROM THE CULT OF ABSENCE TO THE PLACE OF INSTITUTIONAL MEMORY

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O centenário da primeira coleção museológica da Fundação Oswaldo Cruz, sob a responsabilidade do Museu da Vida, é um momento propício para fazer uma reflexão sobre os processos de formação e métodos de difusão deste acervo que testemunha as transformações dos campos da saúde e das biociências no Brasil do último século. O objetivo aqui é conhecer as estratégias implementadas ao longo das décadas de funcionamento do antigo Museu Oswaldo Cruz, ressaltando as diferentes concepções na sua narrativa museológica e de que maneira elas se encontravam expressas no cenário cultural. Serão apresentados aspectos históricos relativos às coleções com o intuito de mostrar a importância dos museus como espaços fundamentais para a reflexão das diferentes manifestações e tentativas de narrar o passado e a produção científica. A investigação documental revela que pesquisar a construção, transformações, usos e funções das exposições que figuraram neste museu são importantes fontes de reflexão para o campo museológico uma vez que esta forma de comunicação pressupõe uma concepção de sociedade, de tempo e de agentes sociais. Principalmente através delas que o museu se define como difusor cultural e político.

Palavras-Chave: Museu Oswaldo Cruz; Coleções; Exposições.

Abstract: The centenary of the first museum collection of the Oswaldo Cruz Foundation, under the responsibility of the Museum of Life, is a propitious moment to reflect on the formation processes and methods of diffusion of this collection that witnesses the transformations of the fields of health and biosciences in the Brazil of the last century. The objective here is to know the strategies implemented throughout the decades of operation of the old Oswaldo Cruz Museum, highlighting the different conceptions in their museological narrative and how they were expressed in the cultural scene. Historical aspects related to the collections will be presented to show the importance of museums as

key spaces for the reflection of the different manifestations and attempts to narrate the past and the scientific production. The documentary research reveals that researching the construction, transformations, uses and functions of the exhibitions that appeared in this museum are important sources of reflection for the museological field since this form of communication presupposes a conception of society, time and social agents. Mainly through them that the museum defines itself as cultural and political diffuser.

Keywords: Oswaldo Cruz Museum; Collections; Exhibitions.

1 INTRODUÇÃO

A importância dos acervos dos museus de ciência, sobretudo dos de ciência e técnica, dos quais fazem parte as coleções museológicas da Fundação Oswaldo Cruz, sob a guarda do Museu da Vida, vêm se destacando no cenário educativo e da popularização da ciência nos últimos anos. Este fato pode ser evidenciado pelo recente reconhecimento do papel dos museus enquanto espaços capazes de trazer novas abordagens à produção de conhecimento.

Através de pesquisa exploratória de cunho documental e bibliográfico, este trabalho está situado na reflexão acerca da formação desse acervo e das diferentes propostas museológicas em que a instituição se propôs ao longo deste período. O objetivo aqui é conhecer a formação centenária desta coleção e ressaltar as diferentes concepções na sua narrativa museológica e de que maneira elas se encontravam expressas no cenário cultural.

Serão apresentados aspectos históricos relativos às coleções com o intuito de mostrar a importância dos museus como espaços fundamentais para a reflexão do conhecimento histórico da produção científica. Para Marandino (2005, p.2), “[...] esses locais possuem especialidades no que diz respeito ao lugar, ao tempo, a importância dos objetos e a linguagem”. Através do discurso expositivo é possível realizar novas narrativas com o discurso científico, educacional e museal. A linguagem museal seria fruto das relações sociais e culturais que ocorrem neste local (MARADINO, 2005, p.2–3). A comunicação dos museus impõe questões de tempo, espaço e linguagens próprias, as quais se materializam principalmente através da museografia das exposições e sua narrativa para as coleções.

Para Bragança Gil (1992), por sua vez, através da formação das coleções e suas formas de exposição é possível conhecer conceitos, conteúdos, procedimentos, valores, concepções e políticas científicas. Os objetos e a forma pelas quais são apresentados podem representar estratégias comunicacionais que, muitas vezes, implicam em concepções referenciadas pela própria instituição. Um dos caminhos para isto é conhecer a história das coleções e dos próprios museus.

2 MUSEUS OSWALDO CRUZ E SUAS NARRATIVAS

A interessante metáfora usada por Ulpiano Meneses (1994) ao comparar os museus não a teatros, mas aos laboratórios, revela menos sua capacidade de representar do que seu potencial de criação e experimentação. Segundo o autor, os museus “encapsulam o tempo, usando suas categorias analíticas para segmentá-lo e representá-lo exibindo periodizações e explorar, não sínteses históricas sensoriais, mas a transformação dos objetos em documentos históricos” (MENESES, 1994, p.20).

As exposições são consideradas as principais e mais comuns formas de comunicação dos museus. Os museus estabelecem nelas o encontro do visitante com a narrativa atribuída aos objetos. É principalmente através das exposições que os museus definem sua missão como difusor cultural e político. Segundo Lopes (1997), a expansão do movimento dos museus brasileiros foi marcada pelo intercâmbio determinado pela relação entre pesquisadores europeus e diretores de instituições de pesquisa. Estes intercâmbios proporcionaram viagens, formação de coleções, conceitos e inovações. O caso do Museu Científico do Instituto Oswaldo Cruz ilustra estas características de lugar de memória da produção científica, de comunicação entre pares e especialistas, de intercâmbio internacional e de afirmação científica.

O médico sanitário Oswaldo Cruz (1872-1917) ao assumir a direção do Instituto Soroterápico Federal, em 1903, empreendeu grandes mudanças estruturais com a construção de diversas edificações para melhorar as condições de trabalho e ampliar as atividades de pesquisa. O principal deles foi o Castelo em estilo Mourisco, onde montou laboratórios com “os preceitos modernos da mais segura higiene” em termos de equipamentos e instrumentos de pesquisa (OLIVEIRA, 2007). Nesta mesma edificação destinou uma sala para abrigar este museu.

O Museu Científico era um espaço de guarda e registro das ações de pesquisa desenvolvidas pela instituição, sobretudo peças anatômicas oriundas das pesquisas sobre a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro. O Museu tinha a função de guardar e comunicar os resultados das pesquisas desenvolvidas dentro do instituto entre os pesquisadores, convidados, personalidades políticas e científicas de renome. Foi um espaço de pesquisa e trocas científicas com centros de pesquisa europeus, além de simbolizar o prestígio e competência da instituição (BENCHIMOL, 1990).

Lopes (1997) ainda afirma que as formações de coleções são em geral marcadas por períodos que demarcam os perfis dos seus diretores, a denominada “personificação da

ciência” imprime características e propõe reformas aos museus institucionais. A imagem heroificada de Oswaldo Cruz como o grande saneador do Rio de Janeiro e símbolo de prestígio científico começou a ser construída ainda em vida. A comoção pela sua morte, com apenas 45 anos de idade, em certa medida alimentou a imagem heroificada do saneador do Rio de Janeiro.

O plano de saneamento da Capital Federal, no início do século XX, que incluiu diversas ações invasivas ao cotidiano da população, durante certo tempo colocou em atrito segmentos sociais distintos. No entanto, sua imagem foi requalificada a partir do olhar externo, principalmente após o reconhecimento conquistado no Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em 1907, em Berlin, na Alemanha. O instituto, que passou a levar o seu nome, ganhou uma condecoração em forma de medalha de ouro pelos trabalhos científicos que vinham sendo desenvolvidos no Brasil, o que radicalmente modificou sua imagem principalmente diante da imprensa carioca. Segundo Nara Brito (1995, p. 7), a premiação além de comprovar a eficácia dos métodos adotados no combate às epidemias, contribuiu para a construção da imagem mítica acerca da figura de Oswaldo Cruz.

Neste contexto, seus pares no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) decidiram por transformar a sala de trabalho – duas salas contíguas localizadas no segundo andar do Castelo Mourisco - em um memorial em sua homenagem. Os objetos foram mantidos na disposição em que foram deixados pelo médico. O seu sucessor na direção do Instituto, Carlos Chagas, quis conservar “piedosamente as derradeiras lembranças do Mestre, fechando-as como sacrário” fazendo deste espaço um “Museu de Recordações” (DIAS, 1918, p.29-30). De acordo com Pierre Nora (1984), parte da construção dos espaços de memória passa pelo caráter biográfico, de um exemplo a ser seguido, que garante bases para a identificação individual. O sentimento gratidão, compartilhado nessas bases a um só tempo afetivas e sagradas, passa a definir o espaço como um lugar de memória.

Figura 1: Sala de trabalho de Oswaldo Cruz

Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Este espaço passou a ser destinado à veneração de sua memória, em especial dos que usufruíram seu convívio. O Museu Oswaldo Cruz manteve-se como uma espécie de “santuário do Mestre”, onde “a gratidão dos discípulos reuniu, como relíquias, objetos do uso pessoal de Oswaldo Cruz” (SUDÁ, 1940, p.82).

Ao observar as Figuras 1 e 2 percebe-se que a sala de trabalho, então transformada em museu passou a reunir elementos expositivos de cunho afetivo, como sua foto emoldurada no alto da parede, a mesa de reuniões transformada em vitrine para guardar documentos das últimas atividades e, à esquerda, um formigueiro artificial construído para pesquisa do comportamento das formigas saúvas, uma das suas atividades que permaneceram incompletas em função do seu falecimento¹. Segundo Henrique Beaurepaire Aragão o lugar:

[...] permaneceu como uma espécie de mística, condensando e atualizando sempre o sentido heroico dos primeiros dias da fundação. [...] Hoje, na casa dedicada a Ciência, há uma sala onde não se trabalha: a sala de Oswaldo Cruz. Num armário, seu avental de laboratório; a farda de acadêmico, numa vitrine. A um canto, a estufa de Roux, do tipo usado no princípio do século e outros aparelhos de que se servia o Mestre em suas experiências; seus livros; seu ‘bureau’; numa estante, frutos secos e raízes – velhos frutos e raízes de há trinta anos – que ele estudava nos seus últimos dias, fazendo que pesquisa? Procurando que propriedades químicas? (REVISTA ARQUIVOS, 1948, p. 6).

¹ Ver: Objeto em Foco. Disponível em:

<http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/museologico/objeto-em-foco>. Acesso: jul. 2018

Figura 2: Museu Oswaldo Cruz em 1918

Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Nas primeiras décadas do século passado, parte da intelectualidade brasileira observava o museu como lugar legítimo para construção de identidades que passam por questões de ordem política e cultural. Para Mario Chagas (2009, p.15), “os museus são vistos através de narrativas e práticas sociais em que a imaginação poética e práxis política se entrelaçam”. Na sua visão os museus são espaços constituídos social e simbolicamente pelo cruzamento de diversas relações de grupos, classes sociais, públicos, agentes do Estado. O entrelaçamento de ideias e valores que norteiam essas relações é dramatizado em uma teia de significados em que revelam o importante papel dos museus enquanto espaços materiais de representação.

José Reginaldo Gonçalves (2005) afirma que os museus têm sido associados, nas modernas sociedades ocidentais, aos espaços da “cultura”, no sentido da “cultura letrada” ou da “cultura erudita”, como espaços demarcados simbolicamente pela sua supremacia ideológica frente a outras formas culturais. Segundo o autor, os museus são capazes de interpretar a concepção ocidental e moderna de cultura, por meio dos quais grupos e categorias sociais representam e constituem simbolicamente suas inter-relações e sua inserção na sociedade (GONÇALVES 2005, p.30-31). Neste sentido, é possível que parte da intenção na manutenção desta sala memorialística pelos pesquisadores tinha o propósito de causar inspiração, causando a impressão de que o antigo diretor poderia aparecer para um

conselho furtivo. Para os que não tiveram a oportunidade da sua convivência, a ambientação formada pela presença dos objetos, dos móveis e dos livros poderia suscitar ao visitante indícios da sua personalidade e, porque não, proporcionar o sentimento de pertencimento ou formar uma identidade institucional forjada no prestígio simbólico de seu patrono. Modelo este bastante próximo ao adotado décadas antes no Instituto Pasteur, na França, e no Instituto Robert Koch, na Alemanha, após o falecimento dos seus respectivos patronos.

A reativação da memória através de objetos também ocupa um lugar importante no universo dessas instituições científicas. Preservados nos museus, os objetos que integraram o dia-a-dia da instituição são mantidos como maneira de “negar a morte, de agir como se os mortos estivessem lá, como se quisessem responder a essa dimensão emocional da memória” (PERREY, 2005, p.176). Nos dois institutos europeus, os objetos, os documentos e os pertences pessoais do espólio dos cientistas foram preservados como relíquias e os espaços de sua convivência transformados em museus (PERREY, 2005; FOLKERN, 2008).

A proposta apresentada pelo Museu Oswaldo Cruz era cultuar o passado, através de uma narrativa encerrada em si mesmo, uma espécie de “culto da saudade”. Esta lógica aparece como uma tentativa de consolidar uma tradição institucional por meio de símbolos voltados ao seu pai fundador. Segundo Myrian Santos (2006), era comum entre os museus de caráter histórico construir uma narrativa com a intenção de estabelecer um elo direto com o passado, de modo a reconstruí-lo por meio da autoridade dos objetos e fragmentos colhidos como testemunho dos grandes feitos dos grandes homens da nação. O “culto da saudade” tinha por base a exaltação de uma nação idealizada no passado e que remetiam a uma experiência através dos objetos. A escolha por expor amostras do passado, demonstra o fato que embora ambicionasse apresentar de modo “científico” o valor dos objetos históricos ali presentes, o museu não procurava apresentar esse passado em sua totalidade ou continuidade. Este tipo de “museu-memória” incide sobre os museus nos quais podemos observar que a “história, como construção intelectual, laica e universalizante, submete-se ao poder do efetivo e do mágico, à dialética da lembrança e do esquecimento presente na memória” (SANTOS, 2000, p.46).

Nesta primeira fase, o Museu Oswaldo Cruz foi reservado apenas para apreciação de funcionários e visitantes ilustres, os quais os diretores do Instituto faziam questão de apresentar pessoalmente. Algumas dessas importantes visitas foram registradas na imprensa da época, dentre elas as visitas do rei Alberto, da Bélgica, em 1920, e do físico Albert Einstein,

em 1925. O Jornal do Comércio, do dia 6 de setembro daquele ano, documentou a admiração do Rei Alberto não só pelas audaciosas instalações dos laboratórios e edificações, mas também pela iniciativa de tentar preservar com “amor e carinho as lembranças do saneador do Rio de Janeiro”. Tal qual foi deixado pelo patrono, “o visitante poderia observar a sala onde Oswaldo Cruz trabalhou, juntamente com seus objetos pessoais, um moderno centro telefônico ligado a todos os aparelhos do instituto e uma maquete de formigueiro, indicando uma das suas últimas pesquisas” (CORREIO DA MANHÃ, 26 de setembro de 1920). A visita de Einstein ao Instituto Oswaldo Cruz:

[...] ali conduzido em veículos daquele estabelecimento, em companhia do professor Carlos Chagas e do Dr. Leocádio Chaves, diretor e secretário do Instituto, professores Getúlio das Neves, Roberto Marinho e Carneiro Felipe, este, também, do Instituto, e do senhor Evandro Chagas, filho do professor Carlos Chagas, que é ótimo interprete da língua alemã. Esta comitiva foi buscar Einstein no Hotel Glória, de onde o conduziu a Manguinhos. Recebido no Instituto, foi Einstein apresentado ao seu pessoal técnico, com o qual trocou algumas palavras. Em seguida, subiu à sala do diretor, de onde deu início à sua visita ao estabelecimento pelo Museu Oswaldo Cruz, examinando com interesse o que pertenceu ao saudoso cientista brasileiro. Do museu Oswaldo Cruz, passou Einstein ao museu de Anatomia Patológica e daí à sala de leitura e à biblioteca, onde apreciou os volumes dos “Annalen der Physik” em que se encontram o seu primeiro trabalho sobre a relatividade e a sua memória sobre relatividade generalizada. Passando ao edifício em que se acham instalados os laboratórios de química aplicada, deixou Einstein registrada a impressão de sua visita ao Instituto em um disco fonográfico e apreciou uma experiência clássica para a explicação da visão binocular [...] (Recorte de jornal [sem identificação], s.n., s.l., 8 de maio de 1925. Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz).

Nas décadas subsequentes, além dos objetos deixados por Oswaldo Cruz e doados pelos seus familiares, o museu também passou a reunir instrumentos e equipamentos descontinuados das rotinas dos laboratórios. Aos poucos, objetos como microscópios, balanças, estufas, micrótomos, mobiliários e vidrarias foram substituídos por equipamentos mais modernos e passaram a ser expostos como parte integrante deste museu. O que significaria levar objetos para um espaço como este, que não estariam necessariamente ligados à biografia do homenageado? A presença dos artefatos representativos do trabalho da instituição indica que, com o passar das décadas, este lugar passou a ser reconhecido por técnicos e pesquisadores como um espaço legítimo para abrigar itens que testemunhassem o desenvolvimento das atividades científicas do Instituto Oswaldo Cruz.

De forma orgânica, ou em certa medida estimulada por pesquisadores como Henrique Aragão e Olímpio da Fonseca, que assumiram além das suas responsabilidades de bancada

científica, o papel de organizar uma narrativa do passado institucional, o Museu Oswaldo Cruz iniciou a formação de uma coleção de caráter histórico contando com a colaboração de funcionários sensíveis com a manutenção da memória das suas atividades.

Este espaço, no entanto, durante muito tempo não se configurou dentro da estrutura institucional, ou mesmo contou com profissionais específicos para o tratamento do acervo. A gestão deste espaço durante décadas ficou a cargo do Serviço de Documentação e depois da Biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz. Tendo seus espaços, atividades e número de pessoas aumentados significativamente, na década de 1940, em função da sua participação na Segunda Guerra Mundial, o Instituto Oswaldo Cruz passou a ter nova importância no cenário da saúde por ser uma peça importante na produção de soros, vacinas, plasma sanguíneo e penicilina. (BENCHIMOL, 1990, p.74). O Instituto passou por mudanças que alteraram seu quadro organizacional consolidando divisões de trabalho especializadas. As antigas seções científicas tornam-se divisões completas e complexas, em decorrência da própria diversidade e crescimento das atividades. As “seções auxiliares” compostas pelas atividades não finalísticas também passam por mudanças. A Biblioteca, o Museu Científico (que organizava as peças de anatomia patológica e demais coleções científicas) e a Seção Administrativa transformam-se em departamentos com atribuições e competências definidas e gerenciadas por chefes designados pela direção do Instituto, mediante aprovação do Departamento Nacional de Saúde.²

No início da década de 1960, uma nova organização do IOC criou para estes departamentos auxiliares uma organização denominada Serviço de Documentação. Este serviço passou a organizar setores especializados na área de acervos da instituição, diga-se: os serviços de biblioteca, documentação e museus, publicações, divulgação e estatística. O setor de Documentação e Museus desenvolveu atividades que reuniam tarefas pertinentes à produção, organização e acondicionamento dos arquivos do instituto. Passou a ser responsável pelos trabalhos de cartografia, fotografia, ilustrações científicas, redação, guarda e conservação de documentos, elementos estatísticos e dados relevantes referentes às atividades do instituto. Dentre suas atribuições estavam também a de “manter um museu [científico] em exposição permanente, destinado a estudos médico-biológicos e a documentação e demonstrações das atividades do Instituto Oswaldo Cruz” e, além disso,

² Decreto nº 10252 de 14 de agosto de 1942. Aprova o Regimento do Instituto Oswaldo Cruz.

“velar pela conservação das relíquias e documentos relativos à vida e a obra de Oswaldo Cruz”³, fazendo aparecer pela primeira vez as atribuições referentes ao Museu Oswaldo Cruz na estrutura organizacional da instituição.^{4 5}

A administração do Serviço de Documentação e Biblioteca, do qual o Museu Oswaldo Cruz pertenceu, tomou nova dinâmica a partir da gestão da bibliotecária Emília Machado Bustamante. Sua longa gestão à frente ao serviço (1946-1965 e 1971-1976) lançou novos olhares para a difusão dos acervos. Através de inserções em eventos científicos dos quais o Instituto Oswaldo Cruz teve participação, Bustamante realizou exposições de cunho histórico e cultural fazendo uso das coleções bibliográficas, iconográficas e museológicas. Ainda na década de 1960 produziu um inventário parcial dos acervos arquivísticos e cerimoniais em parceria com a Biblioteca Nacional.

Por ocasião do centenário de nascimento de Oswaldo Cruz, em 1972, a bibliotecária reuniu e organizou seus documentos e seus trabalhos para a reimpressão fac-similada de “Ópera Omnia”, que contou com todos os trabalhos publicados do cientista. Nesta ocasião iniciou um projeto de reorganização do Museu Oswaldo Cruz.

A reinauguração do Museu Oswaldo Cruz adotou nova proposta museográfica. A exposição de longa duração passou a narrar a vida e a obra de Oswaldo Cruz, dos seus colaboradores mais próximos e dos primórdios da instituição. A exposição foi dotada de duas partes. A primeira consagrada a Oswaldo Cruz, localizada no espaço de seu antigo laboratório, passou a contar com sua biblioteca, objetos e documentos particulares. A segunda, ocupando a sala do antigo museu, passou a expor os trabalhos científicos realizados pelo IOC, juntamente com os objetos que representam a história da pesquisa na instituição. O museu

³ Decreto nº 832 de 03 de abril de 1962. Aprova o Regimento do Instituto Oswaldo Cruz, do Ministério da Saúde.

⁴ Com a criação da Fundação Oswaldo Cruz, na década de 1970, as atividades de apoio passaram a integrar a estrutura do recém-criado Centro de Apoio Técnico-Biológico (CATE), que unificou todas as atividades auxiliares à pesquisa da instituição, incluindo o Serviço de Bibliotecas e Documentação. Competia à Unidade Cultural do CATE a supervisão, coordenação e execução das atividades referentes a biblioteca, museus, coleções pertencentes ao patrimônio cultural da fundação, multimeios, em como a produção e execução de atividades culturais. Norma operacional nº 02/76, de 16 de julho de 1976. Fixa as atribuições e organização do Centro de Apoio Técnico-Biológico (CATE).

⁵ Em 1986, na gestão de Sergio Arouca, o CATE foi extinto para dar lugar a duas unidades com o propósito de oferecer tratamento específico para atividades relacionadas à informação científica e ao patrimônio cultural. A Biblioteca Central passou a ser um departamento do Centro de Informação Científica e Tecnológica (CICT) e o Museu com suas coleções de cunho histórico-institucional passaram a integrar a Casa de Oswaldo Cruz (COC).

passou a mostrar, deste modo, manuscritos, notas de laboratório, fotografias, comendas, instrumentos e equipamentos científicos. Entre os objetos figuravam os então modernos aparelhos de comunicação e equipamentos de laboratório das antigas instalações, além dos diplomas e medalhas conquistados em premiações internacionais. Junto a este material ainda passaram a figurar uma numerosa documentação iconográfica, com fotografias da construção dos prédios do *campus*, em Manguinhos, no início do século XX, e uma série de caricaturas da imprensa da época, focalizando as campanhas sanitárias contra a febre amarela e a peste bubônica dirigidas por Oswaldo Cruz.

Figura 3: Museu Oswaldo Cruz na ocasião da sua reinauguração



Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Na Figura 3 observa-se a nova disposição da exposição, porém ainda mantendo os principais elementos contidos anteriormente, como a mobília, a biblioteca e os objetos pessoais de Oswaldo Cruz. No entanto, equipamentos descontinuados das atividades do Instituto, como a central de telefonia (ao centro), passam a ter lugar neste museu como elemento representativo da preocupação com a inovação tecnológica durante suas primeiras atividades no início do século.

No processo de reorganização do antigo museu, Emília Bustamante reconheceu a necessidade de tratamento específico para lidar com acervos tridimensionais e identifica a importância de desenvolver uma nova proposta museológica para a instituição. A

preocupação com a disposição dos objetos deveria refletir não mais a ciência do início do século, mas o lugar da memória de uma instituição de ciência atualizada com seu tempo.

Para orientar a organização desse novo museu foi solicitado ao Museu Histórico Nacional - instituição que formava quadros para o campo museológico – uma consultoria especializada, o qual indicou a museóloga Gilda Gomes para este trabalho. Com os parâmetros museológicos da época, as duas salas do Museu Oswaldo Cruz foram pintadas e forradas com tapetes. Novo mobiliário expositivo foi desenvolvido e adaptado ao existente, além de confeccionados painéis e legendas para os objetos expostos.

Em relatório desenvolvido pelos museólogos lista-se uma série de medidas tomadas para que fossem retiradas daquela exposição características de distribuição irregulares consideradas “anti-museológicas”⁶. Entre elas estão: vitrine com nova montagem obedecendo à organização cronológica da história institucional; retirada da exposição de material em decomposição (plantas secas) de difícil identificação; instalação de placa com indicação de horário de funcionamento do museu; nova montagem da vitrine de medalhas e condecorações sendo estabelecida as devidas identificações e etiquetagem.

Figura 4: Museu na ocasião da sua reinauguração



Figura 5: Exposição reformulada



Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Segundo relatório dos museólogos uma das características consideradas “anti-museológica” era a exposição de documentos ao alcance dos visitantes, como observa-se na

⁶ Relatório do Museu Oswaldo Cruz, s/d. Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Figura 4 (à direita), o diário de laboratório sobre a mesa da residência de Oswaldo Cruz. Observa-se na Figura 5 o mesmo diário já em sua vitrine e integrado ao contexto da sala após o trabalho dos museólogos.

Da mesma maneira, as imagens a seguir apresentam a preocupação com a padronização expositiva, sobretudo com a identificação do conteúdo. Na Figura 6, a bancada contendo o microscópio de Oswaldo Cruz na época de estudante, documentos e recortes sem identificação são reapresentados. Na Figura 7, uma vitrine central com a tese de doutorado de Oswaldo Cruz e seus trabalhos sobre a peste bubônica em Santos são cuidadosamente expostos de forma a evidenciar o trabalho de organização dos profissionais do conhecimento científico produzido pelo pesquisador.

Figura 6: Aspecto de bancada contendo documentos sem identificação

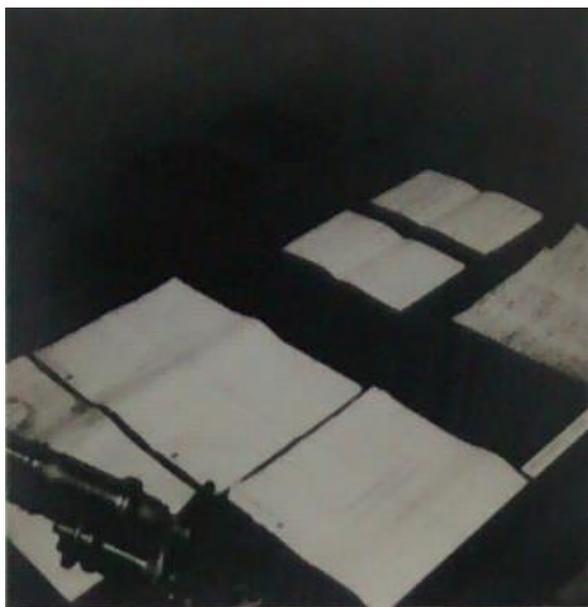


Figura 7: Vitrine central após trabalho dos museólogos



Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

A reorganização do museu abriu oportunidade para a sistematização do trabalho museológico na instituição. A partir de 1976, museólogos foram contratados para compor o quadro de profissionais da instituição. Eliane Vaz Cabral Nery e Luiz Fernando Fernandes Ribeiro iniciaram o trabalho de identificação do acervo, tendo concluído dois anos depois um inventário das coleções arquivísticas e museológicas. O Museu Oswaldo Cruz a partir desse momento passou a contar com uma rotina de visitas, sobretudo, de colégios e sociedades culturais. A preocupação com a apresentação de uma nova museografia (como observa-se na

Figura 8) significava estar dentro dos padrões técnicos museológicos, mostrando assim o papel dos museus em divulgar preceitos e ideias do caráter institucional para os visitantes. O museu assume com maior ênfase a preocupação com seus visitantes, através de exposições temáticas.

Figura 8: Museu Oswaldo Cruz no final da década de 1970



Fonte: Departamento de Arquivo e Documentação – COC/Fiocruz

Além dos procedimentos técnicos, no que tange as atividades de documentação e conservação dos acervos, foi iniciado de forma sistemática um projeto amplo de preservação, que envolvia um trabalho de identificação de bens de valor cultural pelas unidades da Fiocruz que pudessem ampliar o escopo do acervo. Ainda em um momento em que o campo da museologia não tinha como foco a patrimonialização da ciência e da tecnologia, adotou-se um olhar aguçado para esta questão, conseguindo recuperar da alienação peças com significativo valor de testemunho do desenvolvimento dos processos científicos. O escopo do acervo antes pautado na figura de Oswaldo Cruz e das atividades ligadas aos primeiros anos do instituto passou a adotar uma narrativa mais ampla baseada na História das Ciências e das Técnicas, dos instrumentos de pesquisa científica, das doenças, das expedições científicas e das unidades da recém-criada da Fundação Oswaldo Cruz.

O momento de redemocratização do país, na década de 1980, foi propício para que instituições públicas passassem por uma profunda reestruturação. A revisão da missão institucional, a ampliação de sua infraestrutura e linhas de atuação direcionou parte desse esforço para a reflexão do papel da Fiocruz na história e da memória da saúde pública nacional. A criação da unidade cultural Casa de Oswaldo Cruz (COC), em 1985, ajudou a consolidar a dimensão museológica à medida que ampliou as atividades de pesquisa, a sistematização de ações de preservação do patrimônio histórico da instituição com políticas de aperfeiçoamento e métodos de divulgação dos acervos voltados para a divulgação científica, direcionado para vários tipos de públicos (SOARES; NOGUEIRA, 2014, p. 235-289). Neste sentido, os desafios impostos por este novo cenário exigiram novas formas de experimentação mais dinâmicas e próximas do público.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Processos de requalificação e de transposição museográfica implicam na reorganização e na produção de novos conhecimentos que levam o público a ter diferentes percepções sobre as coleções. O processo comunicativo presente nas exposições é a etapa que fecha o ciclo do processo de musealização. Nas exposições, a apresentação do patrimônio material da saúde se enriquece com reflexões da história das ciências, da museologia e de estudos culturais. Uma vez exposto, acrescenta-se a esse patrimônio uma dimensão sensuária, essencial para sua compreensão e apropriação por parte das distintas audiências dos museus. Por outro lado, a apresentação dos objetos em exposições que sejam capazes de relacionar história e memória ao cotidiano das pessoas favorece uma dimensão subjetiva da experiência, por vezes marcada por reações ambivalentes. Tais reações são próprias das exposições de acervos de natureza médica que, por sua “presença visceral” (ARNOLD, 2011, p.102, 724), sugerem para eles um importante papel de mediação afetiva, a ser considerado na formulação das ações da museologia, da educação e da divulgação científica em museus.

A coleção museológica da Fundação Oswaldo Cruz formada inicialmente pelo acervo do Museu Oswaldo Cruz, pode ser considerada testemunho de desenvolvimento da ciência brasileira à medida que sua história, seus conteúdos e processos científicos estabelecerem uma ligação comunicativa com o público. Para Lopes (2005), os museus são instituições fundamentais para o estudo de políticas científicas e podem estabelecer o entendimento da

Ciência como parte da cultura das sociedades. Para isto, porém, os museus devem contar sua história de formação e desenvolver atividades educativas e culturais nesta perspectiva.

A pesquisa revelou que o Museu foi uma engrenagem do projeto de erguimento da imagem institucional dedicada à Oswaldo Cruz. Como destaca Pierre Bourdieu (1989), o poder simbólico é uma forma transfigurada de outras formas de poder, por isso deve-se rastrear a intenção do projeto no tecido social, indicando as lutas de representação e projetos sociais correspondentes.

A fim de estudar a formação das coleções do atual Museu da Vida, foi necessário olhar para a identidade e a cultura organizacional desta instituição. Foi possível identificar, dentro de seus acervos, fontes que revelam as diferentes manifestações na tentativa de narrar o seu passado. Vindo de um grupo formado majoritariamente por cientistas, uma categoria cujo pensamento crítico é focado para questões próprias das experimentações de sua bancada, em geral, não inclinados para a devoção ao passado científico, o desenvolvimento dessas diferentes propostas museológicas parece bastante incomum.

O aparente fetiche a partir do espólio deixado por Oswaldo Cruz, na criação do Museu, poder ser observado na compreensão e leitura de que objetos são excepcionalmente apropriados e exclusivamente capazes de portar sentido. Estabelecem uma mediação de ordem existencial entre o visível e o invisível, com outros espaços e tempos, como afirma Pomian (1997). Reunir as relíquias do “pai fundador”, por vezes herói e figura lendária da nação brasileira, tinham a função de impor credibilidade, não pela autenticidade de suas origens, mas pelo poder simbólico a eles atribuído. Relíquias ou objetos históricos possuem compromisso essencialmente com o presente, “pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categorias de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem” (MENESES, 1994, p.20).

Da mesma forma que as coleções são fundamentais para entender a sociedade que as produziram enquanto objetos históricos, as exposições são reveladoras pelo seu sistema de seleção e construção de narrativas. As combinações e disposições que tecem uma exposição, como expectativas e perfil dos visitantes, coloca esta forma de comunicação como a principal forma de produção de sentido para o que está colocado em mostra. A exibição de peças em museus não se confunde com outras formas de comunicar porque este processo não é obvio, ou operado de forma espontânea. A exposição museológica, ainda segundo Meneses (1994), mais do que precisamente um texto, é um discurso que pressupõe forçosamente uma

concepção de sociedade, de cultura, de tempo, de espaço e de agentes sociais. Desta forma conclui-se que pesquisar a construção, transformações, usos e funções das coleções e das exposições que figuraram este “Museu de Recordações” são importantes fontes de reflexão para o campo museológico.

REFERÊNCIAS

DIAS, Ezequiel. **O Instituto Oswaldo Cruz** – Resumo Histórico (1899-1918). Rio de Janeiro, Manguinhos, 1918.

BENCHIMOL, Jaime L. **Manguinhos do sonho a vida: a ciência na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1990.

BOUDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

CHAGAS, Mario. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Ibram/Garamond, 2009.

FOLKERS, Ulrike; GLASMACHER, Susanne. **The Robert Koch Institute: A Historical Retrospective**. Berlim: Robert Koch Institute, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GUERRA, E. Sales. **Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Vechi, 1940.

LOPES, Maria. Maria. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARANDINO, Martha. Museus de ciências como espaços de educação. In: FIGUEREDO, B. G.; VIDAL, D. G. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 165-176.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais...** Museu Paulista: História e Cultura Material (Nova série, v.2 - Jan./Dez. 1994). São Paulo: Museu Paulista da USP, 1994.

PERREY, Christophe. Les figures du sacré à l'Institut Pasteur. **L'Homme: Revue française d'anthropologie**, 175-176, jul-set, 2005.

NOGUEIRA, Inês; SOARES, Pedro Paulo. Museus em Manguinhos: Artefatos da ciência e tecnologia em saúde. In: IGLESIAS, Fabio; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos; MARTINS, Ruth B. (Orgs.). **Vida, Engenho e Arte**. O Acervo Histórico da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2014, p. 235-289.

POMIAN, Krzystof. Memória. Enciclopédia **Einaud**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2000, p. 507-516.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, 2006. (Coleção Museu, Memória e Cidadania).